

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa,
Conde da Esperança,
E. Severim de Azevedo (Crispim),
Ferreira Mendes,
D. Jorge de Menezes,
J. Nunes de Freitas
Luiz Trigueiros,
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE NOVEMBRO DE 1913

N.º 355

Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de Outubro



João de Azevedo Coutinho

Que os jornaes diarios apontam como chefe militar do movimento

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de novembro de 1913

PELA leitura dos jornaes diarios são conhecidos os lamentáveis acontecimentos que se desenrolaram em Lisboa e n'alguns pontos da provincia, na madrugada de 20 para 21 do corrente, acontecimentos de caracter revolucionario, que eram evidentemente o preludio de outros de maior vulto, que por cobardia, traição, vigilancia das auctoridades, ou por todas estas razões ao mesmo tempo, não chegaram a desencadear-se.

Do que se passou, das prisões que teem sido feitas, do valor das pessoas que a policia procura, da qualidade d'aquellas que conseguiram passar a fronteira, indo avolumar o numero já grande dos emigrados politicos, conclue-se, sem maior esforço de intelligencia, que os monarchicos que apoiam a causa do Senhor D. Manuel tinham d'esta vez congregado toda a sua boa vontade, reunindo a melhor e a maior quantidade de elementos no sentido de fazer vingar os seus ideaes.

Não é meu intento discutir esses acontecimentos, nem tirar d'elles quaesquer conclusões.

Desde ha tres annos que o jornalista, no nosso paiz, aquelle, claro está, que não seja republicano ou não esteja disposto a concordar em absoluto com a orientação do novo regimen, tem, ao pegar na penna, que pensar muito a serio no que vae escrever, inventariando cuidadosamente todos os seus pensamentos e pondo de parte aquelles que por qualquer motivo se lhe affigrem como improprios para figurar em jornaes que se destinam a circular em publico.

Ora se isto acontece normalmente, não por culpa da lei de imprensa publicada logo no tempo do Governo Provisorio, porque, boa ou má, sempre é uma lei, mas porque, de vez em quando, as regulias que essa lei concede ao jornalista são postas de parte pela intervenção de quem, por falta de serenidade e competencia, não pôde averiguar do procedimento d'aquelles que desapaixonadamente analysam o que se vae passando, muito mais cuidado se impõe no actual momento, visto poucos dias terem decorrido depois da ultima tentativa de restauração monarchica.

Não discutirei, portanto, a parte politica dos ultimos acontecimentos, nem d'elles tirarei qualquer significado.

Uma só cousa a tal respeito aqui desejo consignar: A republica, defendendo-se, exerceu um direito e praticou um dever que a monarchia, em identicas circumstancias, não soube, não poude ou não quiz praticar.

Não posso, porém, approvar o que se passou com os dois unicos jornaes monarchicos, diarios, que existiam em Lisboa; e não só o não approvo como até, por lealdade jornalística, me julgo obrigado a lavar contra o facto o meu protesto.

O empastelamento dos dois

jornaes — «O Dia» e «A Nação» — não tem razão nenhuma que o justifique e chega a parecer impossivel que podesse realizar-se estando, como está qualquer d'elles, a dois passos de distancia do Governo Civil e do quartel do Carmo.

Não se explica por um movimento de colera popular em defeza do governo, porque a esse movimento não escapariam de certo os jornaes *Intransigente*, *Socialista* e *Republica*.

Não se explica pelo motivo dos revolucionarios terem causado maiores prejuizos, cortando as linhas telegraphicas e as pontes dos caminhos de ferro, como eu já vi escripto, porque quem faz revoluções tem que servir-se d'esse e d'outros meios, não sendo justo nem generoso que os vencedores exerçam represalias sobre uma propriedade particular como é um jornal, cujo dono pôde em muitos casos nada ter com determinados acontecimentos politicos e até ignorar muitos detalhes da sua preparação, incluindo o proprio momento em que devem desenrolar-se.

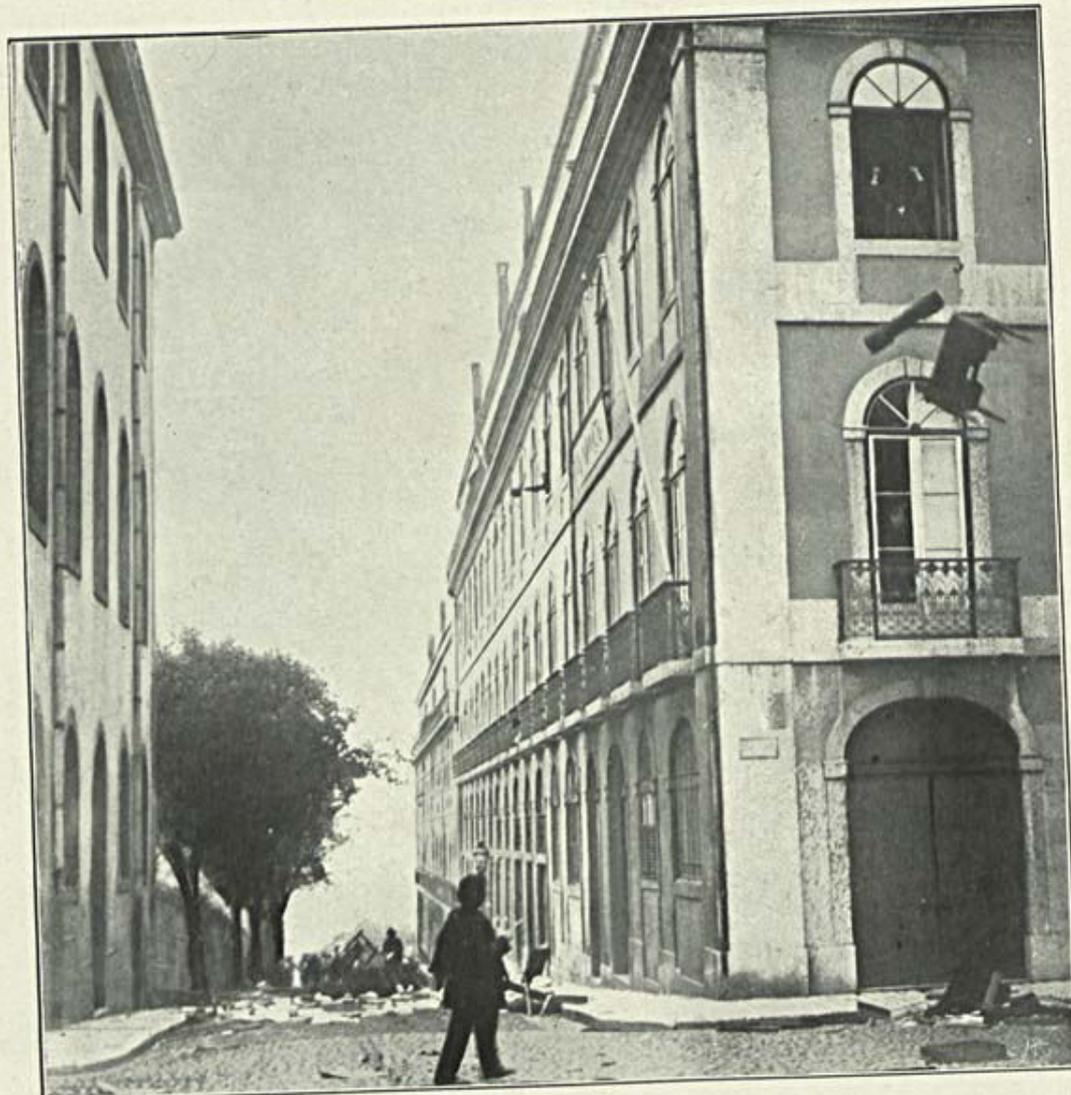
Não se explica pelo fragor da lucta, porque foi cousa que quasi não existiu e além d'isso quando os dois jornaes foram assaltados já o governo estava por completo senhor da situação.

Não se explica em tempo algum, nem em nenhum caso, mas muito menos estando o paiz sob a vigencia d'um regimen que tem por lemma a liberdade, cujo principal sustentaculo consiste na existencia d'uma imprensa que possa manifestar-se em harmonia com as leis, mas sem imposição de poderes alheios á constituição do estado.

Pelo que respeita propriamente ao jornal «A Nação», mais alguma cousa tenho ainda que dizer.

Tudo parece indicar, muito principalmente o nome de certas pessoas que estão presas, que o recente movimento teve todo o ca-

Os acontecimentos da manhã de 21 de Outubro



O assalto ao jornal «A Nação» — A destruição do mobiliario

(Phot. de ***)

racter d'uma tentativa manuelista e não o de uma restauração monarchica, tendo como insignia a bandeira branca e como rei o Senhor D. Miguel de Bragança.

Que teve, pois, que ver com os acontecimentos o velho órgão legitimista?

Accresce que «A Nação» é o decano da imprensa portugueza e como tal tem sido respeitada e devia continuar a merecer o respeito de toda a gente.

Pela redacção d'«A Nação» passaram alguns dos melhores escriptores que n'este paiz tem havido modernamente e nas suas columnas nunca se aggreuiu ninguém, porque apenas se cuidou sempre de discutir idéas.

As suas portas nunca se fecharam fosse a quem fosse; amigos

POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXXVII

O 21 D'OUTUBRO

AFFIRMA-SE que o movimento revolucionario esboçado na madrugada de 21 d'outubro foi a terceira tentativa empreendida por alguns monarchicos para a restauração do velho throno portuguez, e que falhou, como as precedentes, pela traição d'uns, pela cobardia d'outros, pelo indifferentismo d'uma grande parte e pela completa abstenção dos restantes.

E' cêdo ainda para se poder fazer a historia d'estes movimentos, com minucia e verdade, mas do que se passou na madrugada de 21 d'outubro conclue-se que os monarchicos não foram fadados para empresas revolucionarias e que melhor fôra conservarem-se quietos, assistindo pacificamente ao desenrolar dos extranhos factos que se exhibem no campo republicano, do que offerecerem, por suas proprias mãos, os ambicionados pretextos não só para represalias como tambem para o abafamento das magnas questões demonstrativas do pouco tino governativo patenteado desde o 5 d'outubro de 1910.

O que foi esta ultima tentativa de restauração monarchica? Um ridiculo fiasco lhe chamaram os jornaes republicanos. Nós abtemo-nos de a classificar, limitando-nos á simples anotação dos acontecimentos, deduzindo sobre o que elles publicamente offerecem á observação da critica.

Coordenemos os factos. Na madrugada de 21 d'outubro, uns reduzidos grupos de populares e alguns guardas de policia appareceram nas ruas de Lisboa em attitude revolucionaria. Meia duzia de tiros disparados para o ar e esses elementos dentro em pouco eram presos sem resistencia, sem cerco, um aqui outro além, alguns mesmo em suas proprias casas, para onde se tinham dirigido por certo acabrunhados do isolamento em que se haviam encontrado. Horas depois, os jornaes republicanos começaram a circular dando rapidos informes do que se havia passado e dizendo que o governo de tudo tivera conhecimento, indicando logo nas suas columnas nomes de pessoas d'elevada representação social como dirigentes ou membros do comité organisador... d'esse desorganizado movimento. Nenhuma d'essas pessoas, porém, na sua maioria officiaes de elevada patente militar, tinham sido encontrados na rua com ou sem armas, dirigindo ou aguardando em manifesta attitude hostil o momento propicio para desempenharem qualquer acção revolucionaria.

Accrescentaram depois mais os jornaes, que o governo se encontrava no segredo da conspiração ha muito tempo, tendo propositadamente deixado manobrar á vontade os membros dos comités, para os prender no acto da sua rebelião, limitando-se apenas a vigial-os afim de conhecer todos os seus passos e intentos.

Applicando um pouco de raciocinio a estes informes da imprensa, vê-se logo que as coisas se teriam passado de modo diverso e não como os jornaes relataram. Se o governo tivesse descoberto, por vigilancia sua, os elementos accusados publicamente pela imprensa nos dias 21 e 22, a mais rudimentar logica indica que na madrugada de 21 soubesse onde elles paravam, porque estando informado com antecedencia — segundo tambem os seus órgãos officiosos na imprensa affirmam — do dia e hora do projectado movimento, com mais cuidado e dobrada attenção seriam vigiadas essas pessoas nos ultimos dias para que fossem capturadas immediatamente. Mas não aconteceu assim. As auctoridades ignoravam os seus paradeiros e as repetidas procuras domiciliarias resultaram infructiferas.

Ha entre todos um nome que esclarece sufficientemente o caso. Referimo-nos a João de Azevedo Coutinho, indigitado como chefe supremo do movimento em Lisboa. Contou um jornal do governo que esse antigo official d'armada tinha sido visto na Feira d'Agosto,



OS ACONTECIMENTOS DA MANHÃ DE 21 DE OUTUBRO

O assalto ao jornal «A Nação» — Desprendendo a taboleta — Os destroços

(Phot. de ***)

e adversarios receberam sempre n'aquella casa a fidalga hospitalidade que era uma das bases do velho caracter portuguez, quando a politica não constituia ainda a principal e quasi unica occupação dos homens d'esta terra.

Pelo velho jornal transitaram algumas personalidades que mais tarde seguiram o constitucionalismo e ainda outras que hoje apoiam com entusiasmo a republica.

Finalmente, A Nação já era opposição á monarchia constitucional quando o partido republicano e todos os homens que estão hoje á frente dos destinos do paiz estavam ainda, como se costuma dizer, na massa dos impossiveis.

Que significou, pois, o empastelamento do velho e respeitavel periodico legitimista senão uma violencia, ou pelo menos um desvario?

J. NUNES DE FREITAS.

na Rotunda d'Avenida, disfarçado com uma péra, dois ou tres dias antes do 21 d'outubro; que estivera depois escondido em diversas casas, citando-as, e finalmente, que de tudo isto o governo tivera conhecimento porque Azevedo Coutinho havia sido vigiado por elementos republicanos desde a sua entrada clandestina em Portugal. E' crível que assim fosse? Se realmente o antigo ministro da marinha do penultimo governo progressista tivesse sido visto, como os jornaes relatam, pode acreditar-se que os republicanos o tivessem deixado em paz, a ponto de lhe perderem a pista? Dando de barato que o governo desejasse por tactica apanhal-o em flagrante (o que não era preciso, visto já pezar sobre Azevedo Coutinho uma violenta condemnação celular dos Tribunaes Marciaes), o que não se concebe é que esse *truc* fosse até ao ponto de abandonar a sua vigilancia. E o que se deu com este emigrado politico, succede com todos os outros que a imprensa informa terem transposto a fronteira com intuitos revolucionarios.

O que demonstram, portanto, estes factos? Que o governo fóra informado por denuncia d'algum que se tivesse feito passar por affecto aos monarchicos revolucionarios e pouco tempo d'antes dos acontecimentos.

A que intuitos obedeceu este procedimento? Até que ponto a delação corresponde á verdade? Quantos nomes foram empurrados por antipathia e vingança pessoal, quantos por palpite e quantos com effectiva responsabilidade?

Abstemo-nos de fazer considerações sobre este ponto... mal cheiroso, deixando que o desenrolar dos factos forneçam elementos seguros para as apreciações da critica justa e imparcial.

E' vasta a relação das pessoas presas sob a accusação de terem responsabilidade no mal esboçado movimento da madrugada de 21 d'outubro, e o que mais impressiona n'este estranho e lamentavel acontecimento é a alta cathegoria de muitos dos detidos. Tanto no elemento militar, como no civil, mas principalmente no primeiro, as posições dos detidos indicam que, se as accusações correspondem á verdade, o movimento revolucionario contava com fortes adhesões. A vinda de Azevedo Coutinho, Conde de Mangualde e outros emigrados; a prisão de um general, dois ou tres coroneis e outros officiaes superiores da armada e do exercito; a detenção de dois grandes capitalistas, engenheiros, advogados celebres, um diplomata, medicos, lentes e outros nomes illustres, mostra claramente que de duas, uma: ou nenhum dos accusados tem a minima responsabilidade nos acontecimentos, sendo falsas as



OS ACONTECIMENTOS DA MANHÃ DE 21 DE OUTUBRO
O assalto ao jornal «A Nação» — Um episodio



OS ACONTECIMENTOS DA MANHÃ DE 21 DE OUTUBRO — O assalto ao jornal «A Nação»
Queimando uma parte do mobiliario

(Phot. de ***)

accusações que lhe fazem, ou, correspondendo ellas á verdade, que estas cabeças haviam por força de corresponder a corpos possantes.

Não é crível que officiaes d'aquellas cathogorias, que homens manifestamente intelligentes como muitos dos apontados se mettessem em conspirações contando apenas... com duas esquadras de policia e seis ou oito sargentos!...

Contra o *Dia* invocou-se, para justificar a violencia do assalto, ser o seu director um dos dirigentes do movimento de 21 d'outubro. Custa-nos a crêr que o sr. Moreira d'Almeida, que ha tanto tempo andava constantemente perseguido e vigiado, quizesse e sobretudo pudesse exercer taes funcções conspiratorias, mas aceitando mesmo como verdadeira a affirmação, por enquanto gratuita,



OS ACONTECIMENTOS DA MANHÃ DE 21 DE OUTUBRO — O assalto ao jornal «O Dia» — Os destroços

Contariam com o exercito? Contariam com a armada? Mas contavam como? Por promessas directas das unidades militares? Se assim era, enganaram-se... ou enganaram-nos. O exercito e a armada mostraram mais uma vez estar contentes com a republica e com os seus homens publicos. Sentem-se felizes. Ainda bem.

Ora, sendo assim, pensar em revoluções e restaurações é rematada ingenuidade, quando não symptoma de doidade varrida.

não é sufficiente para desculpar o ataque soffrido na sua propriedade.

E se com o *Dia* ainda se deu esta circumstancia, com a *Nação* é que por completo falham todos os pretextos para o assalto que soffreu.

Somos suspeitos para mostrar os processos de correcção do velho jornal legitimista, porque isso poderia ser tomado em parte

Podiam os defensores do regimen ter-se limitado a uma serena embora energica defeza das instituições, que só lhes gran-gearia respeito e admiração. Estavam no seu papel. Mas não o entenderam assim, preferindo deixar assignalada a sua dedicação com o escavacamento de todo o material dos jornaes monarchicos *A Nação* e o *Dia*.

Nunca n'outros tempos, quando os republicanos tambem faziam revoluções, os monarchicos assaltaram os seus jornaes e empastelaram as suas typographias. E no entanto, a violencia do ataque d'aquellas gazetas parece-nos que não pode ter paralelo com os artigos mais ou menos platonicos e sempre inspirados nas questões levantadas primeiro pelos diarios republicanos, quando não até d'elles transcriptos integralmente, sem commentarios, da imprensa monarchica d'agora.

Deve notar-se que a proposito da opposição levantada ultimamente por alguns jornaes republicanos ao ministerio, declarou o orgão officioso do governo, *O Mundo*, que a opposição dos jornaes agora assaltados era incomparavelmente mais *decente* do que a dos seus collegas defensores do regimen. Não será este depoimento bem insuspeito?



OS ACONTECIMENTOS DA MANHÃ DE 21 DE OUTUBRO
O assalto ao jornal «O Dia» — Os resto do mobiliario no Governo Civil

(Phot. de ...)

como louvor em boca propria. Temos, porém, a certeza que toda a opinião publica, não excluindo d'ella a parte dos republicanos imparciaes, viu com desgosto e reprobção o escavacamento da *avózinha*, no fim de 67 annos d'existencia, honrada e exemplar.

Podiam ter poupado esse symbolo de fidelidade a uma causa que os proprios adversarios mais intransigentes souberam sempre

Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de outubro



O capitão João de Almeida que, segundo constou, chegou a estar no Porto para commandar o movimento que devia rebentar na capital do norte.

respeitar em mais de meio seculo de vida nas lides da imprensa. E creiam que esse acto demonstraria uma força moral por certo muito mais util para a republica que a demonstração da força muscular dos seus defensores, patenteada no arrazamento completo de todo o recheio material da redacção, administração e typographia da *Nação*. . . sita na rua da Lucta, a menos de quatrocentos metros do governo civil, que tudo contemplou indifferente.

CRISPIM.

QU'IMPORTA

Tu estás doente amôr; tens a comprehensão
Do mal que te devora e que te vae matar;
Não te assusta morrer, toda a tua afflicção
E' pensar que o teu mal se me pode pegar.

Não queres que o perceba e descobres então
Mil pretextos pueris para te não beijar,
Nunca te encontro só, não dás occasião,
E eu finjo que não vejo e deixo-me enganar.

.....

Não posso mais fingir, hoje, seja qual fôr,
Eu quero partilhar contigo a mesma sorte,
Que bem léve será depois de repartida.

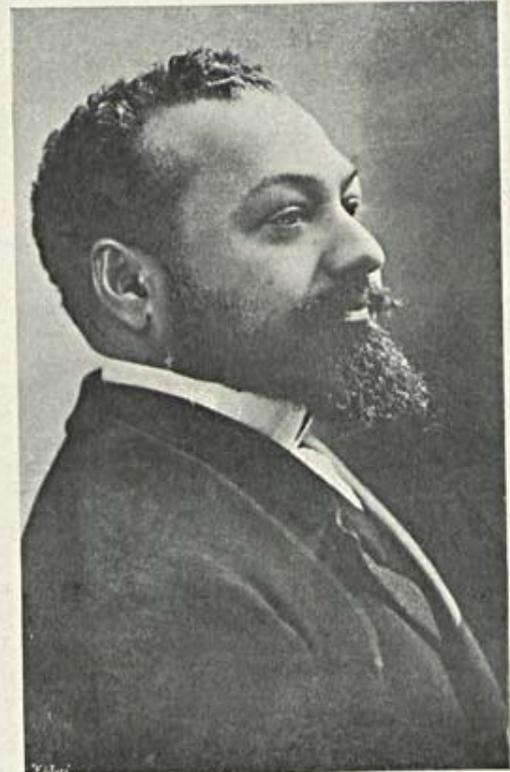
Mas não me negues mais os teus beijos Amôr,
O que me importa a mim beber n'elles a morte,
Se tanta, tanta vez n'elles me deste a vida.

PALESTRA SCIENTIFICA

O radio

EM consequencia da descoberta feita em 1896 pelo celebre chimico Becquerel de que o uranio emite raios invisiveis com as mesmas propriedades que os raios X, sendo a sua irradiação inexgotavel sem que essa energia provenha de qualquer fonte visivel, muitos sabios dedicaram-se ao estudo d'esse novo phenomeno, procurando saber se haveria outros corpos com a mesma faculdade ou se descobririam novos aspectos do phenomeno em questão. Os esforços n'esse sentido empregados pelo sabio Pedro Curie, morto ha poucos annos d'uma maneira desasturada, e por sua mulher, Sklodowska Curie, doutora em sciencias physicas pela faculdade de Paris, tiveram um exito brilhante e superior a toda a expectativa. Os sabios esposos obtiveram saes chimicos d'um corpo novo a que chamaram *radium* e que apresenta as mesmas propriedades do uranio, mas com uma intensidade muitissimo superior, mais de dois milhões de vezes a d'este corpo. A pechblende, mineral proveniente das minas de Joachimstal, na Bohemia, tratada chimicamente forneceu-lhes o novo corpo, mas com taes difficuldades que um gramma, apenas, de radio puro attinge o preço de 27 a 28 contos de reis, pois para se obter aquella quantidade é necessario tratar chimicamente 10 toneladas de pechblende! Em vista d'isso, comprehende-se que não seja de facil acquisição o radio puro, pois em todo o mundo encontrar-se-hão quando muito tres ou quatro grammas. Mas para o estudo das suas propriedades satisfazem perfeitamente os compostos d'esse corpo um pouco mais vulgarizados.

Os saes de radio emittem continuamente, sem interrupção, os raios de Becquerel, nome dado aos raios do uranio, qualquer que seja a temperatura, desde 250 graus abaixo de zero. Esses raios



Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de Outubro — O sr. Constancio Roque da Costa, antigo diplomata, actualmente preso como implicado nos acontecimentos.

atravessam com a maior facilidade todos os corpos opacos e sob a sua acção os vidros tornam-se, segundo a sua composição, pardos, amarellos ou de côr violeta. Com o radio é facil distinguir por isso um diamante verdadeiro d'um falso, porque, aquelle sob a influencia dos raios de Becquerel brilha intensamente, emquanto que o segundo toma um colorido pardo, amarelo ou violeta.

Todos os corpos, sem excepção alguma conhecida, collocados na visinhança do radio, na mesma sala, por exemplo, tornam-se radio-activos, isto é, capazes de emitir raios. Suppõe-se por isso que do radio se evola uma emanação que se espalha e mistura no gaz ou perfume. E não se devem confundir as emanações com os raios. Pedro Curie fez uma experiencia com o fim de demonstrar praticamente que são duas manifestações diferentes; n'um gabinete escuro collocou um vidro com a fórma de ampulheta, mettendo n'um lado uma dissolução de sal de radio e no outro um pouco de sulfureto de zinco. As duas partes da ampulheta communicavam entre si por meio de uma torneira.

Quando esta estava fechada, a solução de radio emitia raios, mas o sulfureto de zinco não dava manifestação alguma. Mas, quando abriu a torneira as emanações, do radio accumuladas no lado onde se encontrava a solução d'este corpo, espalharam-se por toda a ampulheta e logo o sulfureto de zinco começou a emitir raios. D'ahi a conclusão de que as emanações do radio tem uma propriedade de que não gozam os simples raios.

O radio torna intensamente luminosos os corpos phosphorescentes que se encontram na sua visinhança, na mesma sala, por exemplo, taes como o sulfureto de zinco, o platino cyanureto de

corpos que o rodeiam, que transformado em trabalho mecanico poderia ter variadissimas applicações. E' tambem uma fonte continua de electricidade. Se n'um tubo de vidro introduzimos um pouco de sal de radio, o tubo carrega-se immediatamente de electricidade; fazendo com

uma lima um pequeno traço no tubo, logo se rasga um pequeno orificio e salta uma faísca, soffrendo o operador um ligeiro choque. O radio torna bons conductores de electricidade todos os corpos considerados isoladores e, collocado n'um gabinete onde haja appa-relhos electricos, exerce sobre estes uma tal influencia que é impossivel realisar com elles qualquer experiencia.

Tambem nos organismos animaes tem o radio uma acção que se manifesta de diversas fórmas, algumas tão extraordinarias que pareceriam inacreditaveis, se não se tratasse de sérias investigações scientificas. Em 1903 fez-se no Instituto Pasteur, de Paris, a se-

guinte experiencia: n'um tubo de vidro foram mettidas algumas duzias das larvas que se encontram na farinha, em presença d'uma pequenissima quantidade de sal de radio; n'outro tubo igual foi mettido o mesmo numero de larvas, sós, sem radio; n'um e n'outro ficou uma quantidade sufficiente de farinha para alimentação das



Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de Outubro
O cabo Manuel Antonio, um dos revoltosos da esquadra do Caminho Novo



Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de Outubro — O cabo Monteiro, da esquadra da Boa Vista

bario, etc., d'onde a idéa da possibilidade da illuminação de habitações, collocando nas paredes interiores alguns corpos phosphorescentes e um pouco de radio como excitador.

Nem só para a illuminação de aposentos seria applicado o radio se um dia viesse a um preço razoavel. O radio é um fóco permanente de calor, conservando-se sempre mais quente que os



Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de Outubro — A conspiradora D. Adelaide Paiva no momento de ser photographada.

(Phot. de ...)

larvas. Ao fim de algumas semanas as larvas do tubo que continha o radio foram encontradas quasi todas mortas; algumas, porém, tinham escapado, mas conservavam-se no estado de larvas, enquanto que as do outro tubo que não tinha radio, tinham-se já

transformado em borboletas, posto ovos e produzido novas larvas, que por sua vez se tinham também já transformado em borboletas. Decorreram algumas semanas mais e tres ou quatro larvas do tubo do radio estavam ainda vivas e quatro mezes depois da experiencia ainda uma d'ellas vivia magnificamente bem, enquanto que as do outro tubo tinham já morrido, depois de transformadas em borboletas e da produção de outras larvas. O radio teve, pois, dois efeitos diferentes: destruiu muitas das larvas e parou o desenvolvimento de algumas, elevando ao triplo o periodo normal da sua existencia.

Em maio do mesmo anno e no mesmo Instituto fez-se outra experiencia não menos curiosa: n'uma gaiola onde se encontravam 8 ratos brancos, pae, mãe e seis filhos, foram suspensos cinco centigrammas de chloreto de radio. Nos primeiros 15 dias nenhuma manifestação foi observada, mas, passados estes, os seis ratos mais pequenos perderam o pello do lombo e tres dias depois estavam completamente pellados com excepção da cabeça. Passados mais dois dias cegaram os seis ratinhos e dois dias depois morreu o primeiro, morrendo os restantes nos dois dias subsequentes. Trinta e cinco dias depois do começo da experiencia cegaram o pae e a mãe que vieram a morrer vinte e trez após este facto. N'esta experiencia um dos modos como se manifestou o radio foi fazendo cair o pello dos animaes; com uma quantidade menor de sal de radio e menor tempo de exposição tem-se observado uma manifestação inteiramente oposta — tornar-se o pello mais bello, augmentando ao mesmo tempo a sua quantidade.

Não menos extraordinarias são as manifestações da acção do radio observadas por Bohn nas suas experiencias. Tendo submettido á influencia dos raios de Becquerel alguns embriões de rãs, logo após o seu nascimento, viu que ao fim de oito dias o aparelho respiratorio se tinha desenvolvido extraordinariamente, d'um modo verdadeiramente anormal, e que a cauda se tinha atrophiado. De alguns ovos de sapo submettidos á influencia do radio sahiram seres que differiam dos sapos ordinarios.

Em presença de tão estranhas manifestações, que mais parecem miraculosas, sobreveio a alguns medicos a idéa de experimentar o radio na cura de algumas doenças hoje consideradas incuraveis, como no *lupus* e no *canero* e em alguns casos o resultado tem sido satisfactorio, mas nada ainda se pode concluir de definitivo a este respeito.

Mettendo n'uma caixa opaca um pouco de sal de radio e approximando-a do olho, com a palpebra fechada, tem-se a sensação da luz. D'este facto querem alguns entrever a possibilidade de restituir a vista aos desgraçados que d'ella se acham privados, por applicações convenientes de alguns saes do maravilhoso corpo de que ligeiramente vimos tratando.

O radio produz queimaduras terriveis, de difficil cura. Becquerel trouxe durante algumas horas na algibeira do collete um pequeno tubo contendo chloreto de sodio. Ao fim de quinze dias, sem ter experimentado a mais leve sensação, appareceu-lhe na pelle, no sitio em que pousava a algibeira do collete, uma forte queimadura cuja cura foi muito demorada. O radio atravessara o tecido dos vestuarios para actuar sobre a pelle.

O radio está sem dúvida destinado a um grande papel no futuro, mas por enquanto os sabios limitam-se á observação e estudo das suas propriedades, aparentemente subversivas dos dogmas estabelecidos pelas sciencias physico-chimicas.

O filho do emigrado

Um dia foi o Senhor Dom Miguel visitar o Collegio Militar estabelecido então na Luz. O corpo collegial formou para receber El-Rei com as honras que lhe eram devidas, e este Senhor dignou-se passar-lhe revista, com o interesse que lhe mereciam todas as coisas portuguezas, mas especialmente o exercito. Foi esta minuciosa, interessava-se por cada um d'aquelles pequenos soldados, vendo n'elle um official futuro, que saberia sustentar a tradicional honra e nunca desmentido valor do exercito portuguez. Junto dos Reis nunca faltam aduladores e um d'estes quando o Senhor Dom Miguel chegava ao pé do alumno ... disse-lhe: «O pae d'este está entre os rebeldes, emigrado na Terceira.» O Senhor Dom Miguel com a sua habitual bondade, respondeu immediatamente: Coitadinho! Está privado da companhia e protecção de seu pae! Tenho muito dó d'elle.» E voltando-se para o filho do emigrado, acrescentou: «Estude, e porte-se bem, que eu o protegerei.»

O intrigante adulator ficou corrido! Pensava que El-Rei lhe agradecerá a vil denuncia; mas, em lugar do agradecimento, recebeu uma reprehensão, tão fina e delicada como era proprio d'aquelle Augusto Senhor.

Este facto foi-me contado



Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de Outubro
Escolta conduzindo os individuos que tentaram assaltar o quartel do Cabeço de Bola.



Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de Outubro — O soldado que feriu o sargento Diogo no assalto ao quartel do Cabeço de Bola.



Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de Outubro — Na frente o conspirador Astrigildo Chaves entrando no Governo Civil.

pelo proprio estudante, que apesar de nem sempre ser justo, pelo seu espirito partidario, para com aquelle Augusto Principe, não poude d'esta vez deixar de fazer justiça á magnanimidade do seu coração verdadeiramente real.

D. JORGE E. DE LOCIO.

O prazer dá o que a sabedoria promete.

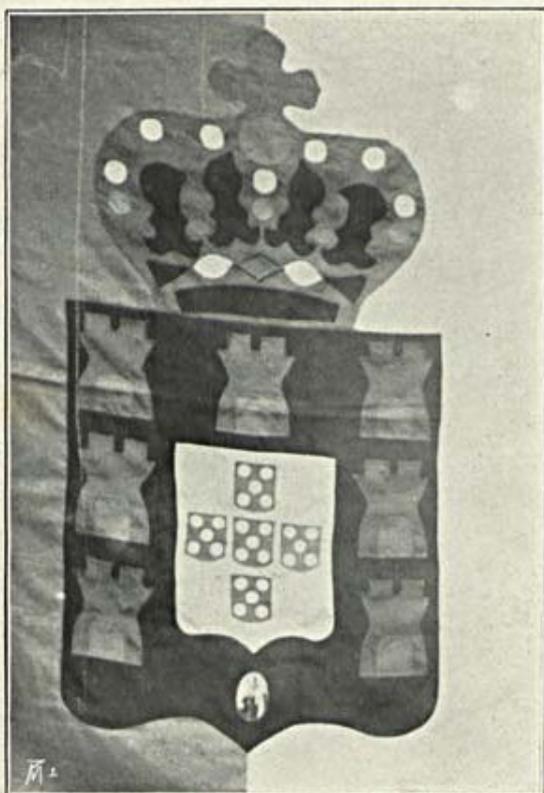


Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de Outubro — A imagem do condestavel Nun'Alvares Pereira que figura no escudo da bandeira apprehendida em casa de Astrigildo Chaves.

PENSAMENTO

A alma de uma creança bem dotada, está mais perto da de Homero do que a alma de um burguez ou de um academico mediocre.

JULES LEMAITRE.



Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de Outubro — A bandeira azul e branca apprehendida em casa do Astrigildo Chaves.



Tentativa de restauração monarchica na madrugada de 21 de Outubro — Uma cruz de Christo apprehendida em casa do Astrigildo Chaves.

Os nossos artistas



Teixeira de Queiroz

(Presidente da Academia das Ciências de Lisboa)

Se eu dissesse que conhecia pouco Teixeira de Queiroz, mentia. E comtudo poucas vezes temos conversado. E' que os espiritos, que pela sua grandeza se impõem á consideração publica, criam, natural e inconscientemente, um ambiente proprio. Os amigos e conhecidos que os frequentam folgam em no-los descrever como merecem, e a leitura das suas obras completa vantajosamente os retratos psychicos que nos haviam traçado. Quando os avistamos, já o nosso juizo a seu respeito está formado, e o conhecimento serve apenas para retocar no nosso espirito a impressão que o seu ahi gravou.

Assim, nas raras conversas que temos tido, eu completei facilmente e com prazer as ideias que formára e que não tive que reformar.

Um dia encontrei-o num electrico. Começamos fallando sobre assumptos de ocasião, e elle disse-me isto, que fixei por me parecer interessante para o estudo da sua personalidade:

— Nunca me aborreo só; converso comigo como com outra pessoa. Se um dia me prendessem e me

encerrassem n'uma cella, a partida não seria grande porque não me faltariam assumptos em que conversar comigo.

Chegando a casa, tomei nota d'estas palavras.

De outra vez um feliz acaso fez-me encontrar Teixeira de Queiroz no nosso commum editor. Fallámos mais de espaço e, como elle me dissesse, rindo, que o passado pouco lhe importava enquanto que o futuro e a sua investigação lhe mereciam o maior e mais desvelado interesse, exclamando n'um tom de alegre despreocupação repetidas vezes «o que lá vai lá vai», notei-lhe que o seu caracter se me afigurava accentuadamente jovial.

— Não sou triste, mas tambem não sou alegre... Sou, por vezes, muito, muito rabujento, e tanto que lhe vou contar dois curtos episodios, que o comprovam, succedidos com dois dos meus mais pequenos netos. Quando estou a escrever, não quero que me façam bulha. Fazer entender isto a creanças é impossivel. Os meus netos, quando lá vão, fazem um inferno no corredor. Eu desespero-me e, abrindo a porta n'um repellão, digo-lhes furioso! «Eu mato-os!» Ha dias, um dos mais pequeninos fazia ao outro esta cautelosa prevenção: «Não vás para esse lado. Ahí ha um avô que mata os meninos.» De outra vez, estando doente, minha mulher trouxe-me um caldo, seguida por uma das netas. Não o quiz. Se elle estava quente, desejei-o frio; se mórno, qui-lo mais quente: rabujei. A pequerrucha dizia a minha mulher: «Não lhe dês de comer, avô: deixa-o morrer porque elle é mau»

Rimos ambos da terrivel receita de sua neta.

Depois fallámos de varias cousas interessantes e a conversa cahiu naturalmente sobre a grande obra do notavel academico. A minha curiosidade não se pôde dispensar de lhe fazer perguntas.

Entre ellas quiz que me dissesse qual dos seus trabalhos lhe agradava mais. Era difficil. Pae extremoso dos filhos da sua imaginação, dispensando-lhes por igual o seu atento e disvelado cuidado, pareceu-me que Teixeira de Queiroz hesitava momentaneamente na resposta. Por fim volveu:

— N'este momento projecto uma nova edição do meu *Amor Divino*. Vou enceta-la em Cortinhas: talvez, por essa razão, parece-me que é um dos meus trabalhos a que mais quero. Foi o primeiro romance que escrevi e o melhor assumpto que encontrei em toda a minha vida de romancista; porém, hoje, está imperfeitissimo aos meus olhos. Resolvi escrevê-lo de novo. O assumpto, os episodios, as personagens, são quasi os mesmos que estavam; porém o livro é novo do principio ao fim. Vou escrevê-lo com o mesmo engódo com que poderia tractar materia nova. Intitulei este livro na 1.^a edição «Amor Divino (estudo patologico d'uma santa).» O titulo diz o livro, que Oliveira Martins, com a clareza da sua intelligencia critica, definiu «diagnostico de santidade.» Realmente assim é: eu considero os santos como doentes e sigo como medico a etiolo-



A casa de Cortinhas, do Dr. Teixeira de Queiroz, em Arcos de Val-de-Tez



Outro aspecto da casa de Cortinhas

gia e diagnostico da sua enfermidade. Era muitissimo novo quando o escrevi e não dispunha dos meios que hoje tenho para atacar o problema. Sempre me seduziu este assumpto e pensei sempre em reformar o livro como elle merece.

Depois queixou-se-me de que a sua memoria tinha pouca retentiva, e a conversa cahiu naturalmente em assumptos politicos. Tomei, como era natural, nota d'ella, e hoje, ao occupar-me da sua notavel personalidade, tive um sincero prazer de a poder reproduzir aos leitores.

A influencia de Balzac em Teixeira de Queiroz é manifesta e, como diz João de Barros, no artigo que a respeito do grande escriptor publicou na *Revue*, Teixeira de Queiroz não a nega, e deu por epigraphe a todos os seus livros esta phrase extrahida da *Modeste Mignon*. «La plu-

part des drames sont dans les idées que nous nous formons des choses. Les événements qui nous paraissent dramatiques ne sont que les sujets que notre âme convertit en tragédie ou en comédie, au gré de notre caractère.»

Diz ainda João de Barros:

«Mais il ne faut pas croire que le génie balzacien l'aie enévoût fatalement. Bien au contraire, si par l'amour excessif du detail, par les descriptions trop fouillées, Mr. Teixeira de Queiroz est un peu le disciple de Balzac, par son observation, plus *physiologique* que *psychologique*, par la nature presque trop sage de son imagination, par l'émotion contenue, par la sobriété de langage et du procédé litteraire, il affirme indéniablement son originalité.»

Estou n'este ponto completamente de accordo com João de Barros; mas, como não estou a escrever para os francezes, posso dizer, sem desprimor, que ha um ponto em que Teixeira de Queiroz é superior a Balzac: no estylo, na elegancia singela da phrase, que o grande francez não teve porque escrevia mal e até talvez isso seja um dos maiores elogios que se possa fazer ao seu genio.

«E' possível, disse-me um dia em carta Teixeira de Queiroz, que o meu nascimento e criação no campo, por entre os arvorêdos desta mesma quinta, onde estou passando as minhas férias, tenham influencia clara na minha criação da *Comedia do Campo*.»

E' esta parte da obra de Teixeira de Queiroz a que mais agrada a João de Barros Elle chama-lhe inadvertidamente a melhor, como se em tão grande obra, tão meticulosamente cuidada e escripta, podesse haver melhor ou peor! E' diferente, nada mais. Certamente que para os francezes deve ser a parte mais interessante da sua obra por tractar n'ella alguns assumptos regionaes que para estrangeiros serão de completa novidade, visto o grande desconhecimento que ha lá fóra das nossas cousas, costumes e usos.

A *Comedia do Campo* tem realmente todas as qualidades que lhe atribue João de Barros e mais algumas; mas eu prefiro a *Comedia Burgueza*, onde, segundo ainda o mesmo auctor «la critique est plutôt cruelle et je connais plusieurs pages de lui dont la lecture impressionne douloureusement par l'implacable clairovoyance avec laquelle il sait voir les tares, les mesquineries, les inevitables déchéances de



Uma neta de Teixeira de Queiroz esperando o avô

la vie humaine.» E' justamente isto que mais me encanta na obra de Teixeira de Queiroz: é a nua mas não crua verdade, que não se mascara, que se mostra como é pela simples razão de que, sendo, não pode deixar de ser. Depois, de qualquer dos seus trabalhos tira-se sempre um grande conceito. São quadros perfectissimos da nossa sociedade, quadros que ficam, e que são para o seu auctor a mais justa e melhor corôa, pois lhe perpetuam o nome nas gerações por vir.

Nas *Cartas d'Amor*, por exemplo, cuja edição se esgotou rapidissimamente, mostra-nos Bento Moreno varios caracteres com incomparavel mestria. Maria Paula e Roberto estão soberbamente pintados; mas a bella alma de Julio Maldonado, e a austeridade rija e inconvenientemente brutal de sua irmã são inexcusaveis de realidade. Prefiri citar este livro porque é um dos mais conhecidos e apreciados deste auctor.

A carta de D. Maria Dorothea que começa assim: «Não esperavam estes olhos mortaes encontrar hoje a desconsolação de ler a tua carta!» é uma das cousas mais soberbas que se tem escripto no genero! A resposta do irmão, e a sua final despedida á mulher são das mais encantadoras e commoventes paginas do livro, não tanto ainda pelo que se lê, como pelo que se adivinha do estado de alma daquella infeliz criatura.

E' certo que uma impressão desoladora fica ás vezes no espirito após a leitura d'algumas das suas primorosas paginas; mas o leitor que seja observador não pode deixar de pensar terminando-as: «A vida é assim!» E' este o melhor, o mais soberbo elogio que, a meu vêr, galardoia o trabalho de qualquer romancista, e que todos os livros de Teixeira de Queiroz arrancam a quem os lê.

Vou citar pequeninos trechos das suas cartas. Cada um d'elles definirá aos olhos do leitor um caracter. E não julguem que os vou escolher: vou extractá-los ao acaso. Mas é tão constante Bento Moreno em manter a individualidade dos seus personagens que todas as palavras d'elles os revelam.

Duma, carta de D. Maria Dorothea, soror Maria da Pureza, no convento de S... a seu irmão Julio:

... Estive mais de uma hora em oração mental, para melhor recolher no seio do meu Deus. A minha alma andou por espaços e regiões sem fim. Acabara de ler pela terceira vez a tua carta,

para bem a ter de memoria, e vi quadros tenebrosos! A fronte severa de Jesus, de que não despreguei os meus olhos, revelou-me coisas tristissimas ácerca de Maria Paula! A vida que ella leva, em salões e casas de theatro, é contraria á vontade do Altissimo. Retira-a, quanto antes, d'esses logares de perdição. Ella é uma inconsciente, como todas as suas companheiras de divertimentos, que só pensam em vaidades e em dar pasto aos sentidos que são as portas abertas para a entrada dos peccados.

Está entendido o feitio moral d'esta mulher, não é verdade? De Julio a sua irmã D. Maria Dorothea:

Irmã Maria Dorothea

Não respondi á tua primeira carta, porque me desgostou muito a sua leitura. Ainda não estava passada esta magua, quando recebi a segunda, que ainda a aggravou. Como essas casas transformam as pessoas, como o sectarismo, mesmo o da melhor das religiões, é estreito, arido e feroz! Conheci-te rapariga alegre e moça, como as demais; lamentei ha bons vinte e cinco annos a tua resolução de entrar para um convento, como remedio insufficiente para a grande desillusão que tiveste na vida. Porém, o que eu não podia suppôr, é que tu chegasses ao estado d'alma em que vives, duro, cruel, nada caridoso.

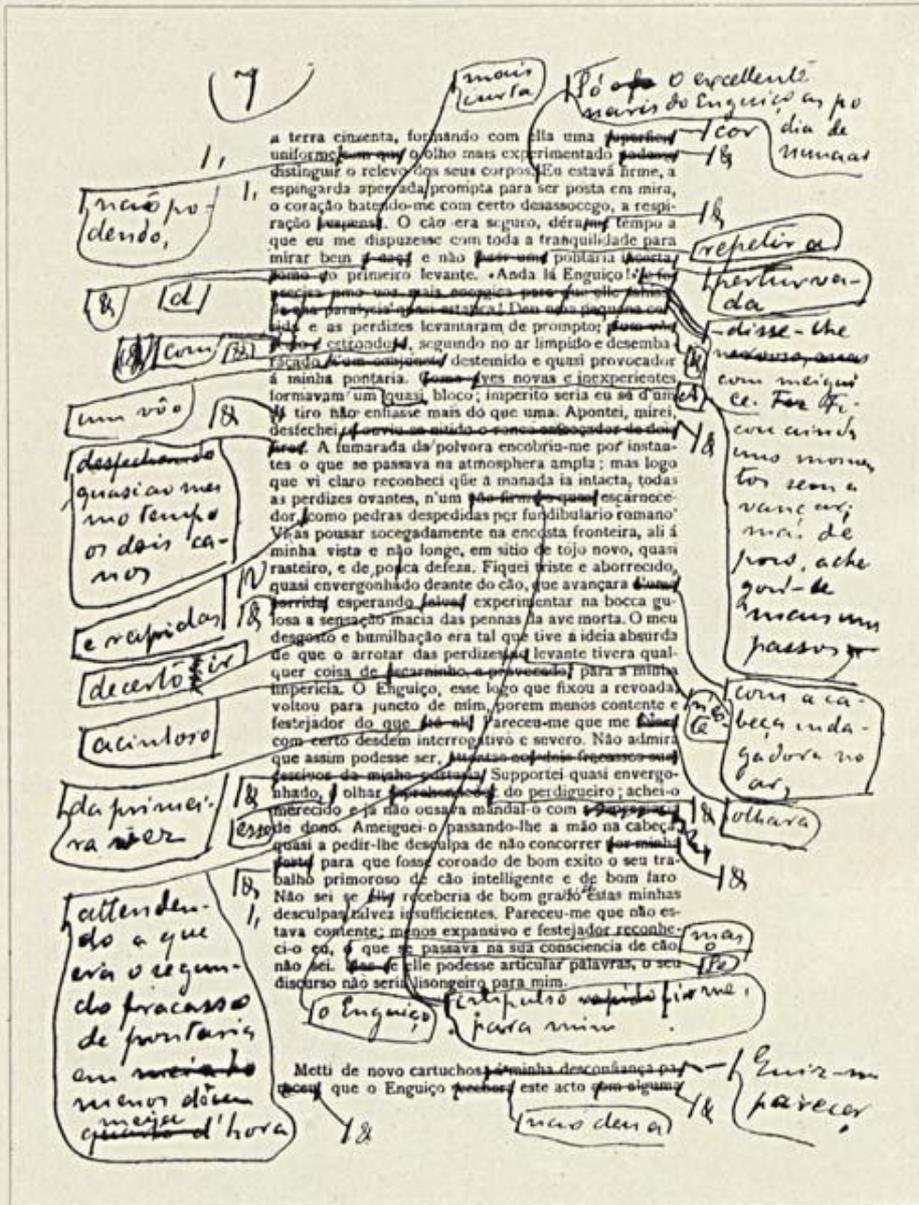
Apesar das queixas do meu coração, que me arrependo de te ter confiado, acredito na sua virtude. (Refere-se á propria esposa). Quem sabe se o estado

atormentado da minha alma, não concorreria para a tua injustissima apreciação?!... E' possivel: eu não me lembro bem do que te escrevi!... Os casos como o que te expuz, são vulgares e nem sempre tem consequencias deshonestas.

Vê-se a razão, o são equilibrio do espirito, e a bondade e justiça, superiores aos sentimentos naturalmente humanos d'um forte ciuime, que a observação, ou antes o pressentimento lhe diz que não é sem causa.

De Roberto a Maria Paula:

Não te amo por capricho de sensibilidade; mas por ter reconhecido que a minha alma só será vencedora na vida, enquanto



Specimen d'uma prova de Bento Moreno

atormentado da minha alma, não concorreria para a tua injustissima apreciação?!... E' possivel: eu não me lembro bem do que te escrevi!... Os casos como o que te expuz, são vulgares e nem sempre tem consequencias deshonestas.

estiver emparceirada com a tua. De modo que fui buscar á tua fraqueza de mulher, a coragem necessaria ao homem.

Nem todos os casados podem dizer o que eu digo e com a segurança da verdade que proclamo. Não é vulgarissimo darem-se paixões ephemerias nos que vivem unidos pelos laços indissolueis?...

Mas não entremos em discussões, pois não julgo azado o momento para isso. Eu devo-te a minha vida, a minha vida toda: ella responderá pela tua ventura».

.....
E' a voz da paixão sincera que calca todos os obstaculos sem descurar nenhum dos deveres, porque se sente superior a tudo e invencivel.

De Maria Paula a Roberto:

«Só estou bem quando estou contigo; a separação estabelece em volta de mim um silencio, um vasio insupportaveis.

.....
Sinto agora os effeitos da educação que me deram e que está fortemente agarrada á minha alma. A victoria d'esse teu amor que me venceu foi grande. Hoje só isso me consola... Com a certeza de o possuir toda a vida sou feliz.

.....
Deus, a quem fervorosamente respeito tambem me não abandonará.

.....
Bem o mereço; porque a minha culpa é toda d'amor e uma voz, bem cá de dentro, me diz que tu eras o homem que me estava destinado desde o nascimento. O que se deu foi um engano. Se na vida as cousas se dispozeram, para se dar esse engano, a culpa não foi minha».

.....
Não é a mulher leviana e aventureira que fala: é a criatura sincera que se não pôde vencer, mas não se perverteu.

De D. Lucinda do Amaral a Maria Paula:

Minha querida

Vejo que Roberto está perdido, louco d'amor por ti. Fiz hontem uma experiencia que me deu a certeza do que te affirmo. Estava no meu jardim conversando com elle em coisas triviaes. Sabes que, depois que vocês aqui estiveram, já veiu duas vezes jantar comnôco, sem cerimonia, com o seu *smoking*.

Apesar de ser de inverno, a noite estava deliciosa, um lindissimo luar, luar de Janeiro. Divagáramos em coisas frivolas: theatros, livros, mundanidades... lamos no estafado assumpto *viagens*, quando entrámos na sala de jogo, onde meu marido palestrava com os seus parceiros da partida. Sentámo-nos ao canto, que tu muito bem conheces, por baixo do lindo busto de Venus.

.....
Basta. Parece-me que para conhecer esta não é preciso mais. Diz o auctor no prologo d'este volume:

«O problema do amor, na alma da mulher principalmente, tem sido e continuará a ser a mais procurada base artistica, no seu aspecto de belleza erythmica: encontrar-lhe, n'um dado momento de crise animica, a fórma evocativa mais adequada é o privilegio d'aquelles que teem dignamente na sua mão uma penna, um pincel, uma batuta ou um cinzel».

Como Teixeira de Queiroz resolveu a difficil situação que criou é talvez, por invulgar, uma das maiores atracções do livro, do qual é quasi impossivel dar preferencia a qualquer personagem pelo vulto que sympathicamente toma a nossos olhos.

São assim os filhos da sua imaginação.

O que os leitores não sabem é que a prosa, que tanto os delicia, é a maior praga que pôde cahir nas mãos dum typographo. Para exemplo obtive o specimen que acompanha este artigo.

Philosopho e homem de sciencia, Teixeira de Queiroz tem todos os predicados necesarios para criar na sua mente a perfeição do typo que ideou,

Que o consegue não é preciso dizê-lo.

MARIA O'NEILL

A VIDA ELEGANTE

Um mau balanço mundano — O que será o proximo inverno — Alta sociedade

A estação balnear findou. Dia a dia se accentúa o regresso dos banhistas e acquistas batidos pela chuva e principalmente pelo aspecto agreste do tempo que de subito se transformou, como certos espiritos femeninos — uns momentos ternos e insinuantes, outro, azêdos e irritaveis. Nervos!... O outomno tambem teve este anno o seu ataque de nervos!... Acabaram, portanto, as villegiaturas; e emquanto os chefes de familia consideram, talvez aterrados, as sommas dos seus livros de despeza extraordinaria, gente môça folheia os seus *carrels* de baile, onde por partidas dobradas escriptou os seus *flirts* da estação... E' um balanço que determina por certo em uns e outros, impressões bem diversas, evidenciando-se uma vez mais o eterno conflicto entre o coração e a bolsa. Tambem a *Vida Elegante* fará o seu balanço, d'antemão sabendo que os seus resultados vão ser negativos.

A estação, aparte Caldas da Rainha, Granja e Villa do Conde, foi d'uma semsaboria atroz em todas as praias e thermas. Para as diversas estancias affluu é certo, muita gente, visto que este anno foi bem menor o exodo para o estrangeiro; mas toda essa multidão de banhistas e de acquistas se agitou pacatamente, dando certos locaes a impressão curiosa d'um scenario incarakteristico onde automaticamente se movesse um bando de phantasmas! As damas e cavalheiros surgiam de manhã para o banho, ou para o copo d'agua exigido pelo rito, trocavam entre si alguns cumprimentos banaes com certo ar antipathico de visitas de pesames; de-

sappareciam pouco depois para surgirem de novo á tarde, contemplando o mar, ou a paysagem verdejante, com o ar sonhador de pessoas atacadas de incuravel nostalgia. Quando a noite descia sobre estas povoações atacadas de semsaborite aguda, tudo adormecia pesadamente. Acaso, de longe em longe, um piano bastante desafinado para fazer miar de pavor todos os gatos da visinhança, gemia dolorosamente alguma ária funebre! Um amigo nosso, fugido de automovel a um d'esses sombrios necroterios, perguntou ao passar em certo ponto onde verdejavam risonhamente arvores e bandos de passaros chilreavam n'uma esturdia foliona:

— O que é alli?

— E' o cemiterio!

— Tão alegre!... exclamou o nosso amigo recordando o ponto da partida. Calcule-se o que seria a encantadora estancia d'onde havia debandado momentos antes!...

Do nosso balanço de vida mundana resulta o poder affirmar-se que o numero de pessoas que se divertiram, está para o numero de pessoas que se aborreceram n'esta proporção estranha; um por duzentos! Verifica-se pelo *compte rendu* de cada festa nas Caldas da Rainha, que a assistencia era sempre a mesma, não excedendo 60 pessoas; egual calculo se pode fazer para Villa do Conde; daremos cento e cincoenta, para a Granja. Assim teremos um total de duzentas e setenta pessoas que estiveram em folia *veraniega*. Sommem agora as que se aborreceram mortalmente condemnadas pelo destino a pacatez forçada por tres mezes de villegiatura e digam se a proporção é exagerada!

Ha, portanto, que confessar, ter sido a estação balnear, uma das mais tristonhas e aborrecidas dos ultimos annos.

Pelo que respeita ao inverno, por igual teem de ser pessimistas as nossas previ-

Vida elegante



M.elle Beatriz Benjamin Pinto

LIVROS

«Alma enamorada», de Alberto de Madureira

sões, como o foram ácerca do verão, as nossas conclusões. O anno passado, ainda se entre-abriram algumas portas de salões e, embora na maior intimidade, algumas recepções doiraram de aspectos consoladores as horas dos que teem habitos de vida social. Este anno, os acontecimentos políticos da quinzena finda tiraram todas as esperanças aos mais optimistas sobre o assumpto. O *bridge* apenas, triumphará um pouco da monotonia, exactamente porque permite a absoluta intimidade. O inverno de 1914 será... uma maçada, como usam dizer agora a proposito de tudo, os jovens para quem a vida amanheceu nublada e triste, resultando uma geração de entediados!

Deus super omnia!

Para alegrar estas paginas e seguindo o nosso proposito de deixar nas colecções do *Brasil-Portugal* uma galeria de incontestavel distincção, damos hoje o retrato de M.^{elle} Beatriz Benjamin

É UM pequeno romance, magnificamente impresso, em papel couché, escripto n'um portuguez castiço que deleita o espirito, e onde em cada pagina transluz a alma de poeta de Alberto de Madureira.

O romance é tudo quanto ha de mais simples; é um romance de amor, como do seu titulo se depreheende, de amor casto, puro e ardente, de Paulo de Azevedo, estudante de Coimbra, por uma rapariga que, em verdade, lh'o não merecia.

Escripto em linguagem pura e leve, de um entreccho seguido, sem derivantes que perturbem a acção principal, lê-se com delicia, n'um bem estar que consola, pelo meio em que nos colloca.

A *Alma enamorada* é, além de tudo, um bello estudo da vida

Echos do Rio de Janeiro



No seu sumptuoso palacete de S. Clemente o sr. Bootchner, consul da Dinamarca, e sua esposa commemoraram, em 26 de Setembro, a data do anniversario de Sua Majestade o Rei da Dinamarca.

O «*Brasil Portugal*» reproduz um dos grupos tirados durante essa noite de festa.

Pinto, uma das mais gentis, sympathicas e insinuantes senhoras, da alta sociedade lisboeta. Filha do general Benjamin Pinto, que na extincta cõrte occupou logar de evidencia, M.^{elle} Beatriz Benjamin Pinto, pela graça delicada da sua formosura e encanto muito particular da sua convivencia, attrahe todas as sympathias e bem merece todas as homenagens.

LUIZ TRIGUEIROS.

Algumas das maximas das nossas leis são admiraveis regras de conducta. Se, apesar da censura calumniosa do mundo, considerassemos «uma creatura innocente até termos a prova da sua culpa», ou se nos nossos pensamentos, palavras e actos diarios, «dessemos ao preso o beneficio da duvida», que bons christãos nos tornaríamos.

ARTUR HELPS.

da aldeia, simples e boa, cheia de um encanto que só verdadeiramente conhece quem n'ella viveu.

Bella, de um realismo e côres impressionantes, a descripção das novenas na vespera do dia de Natal, na pequena igreja de Laboriz, e a da ceia do Natal em casa do dr. Venancio!

Ha tanta verdade na exposiçãõ do quadro, tanta vida na descripção das figuras que o compõem, tanta poesia em todo o seu conjunto, que só elle de per si revela a alma de um verdadeiro artista do pensamento.

A *Alma enamorada* é um livro de 242 paginas, que se lê de um só trago, n'um embevecimento que nos deleita o espirito. N'isto consiste o seu maior elogio.

Ao seu auctor, a Alberto de Madureira, os nossos agradecimentos pela offerta do seu bello romance, e pela gentil, bem que immerecida dedicatória com que o encimou.

J. V.

A queda de Cesar

Trata-se d'um bello livro do romancista inglez John R. Carling, magnificamente traduzido pelo nosso velho amigo Camara Lima e editado pela Parceria Antonio Maria Pereira.

A queda de Cesar não é um livro de historia, como o seu titulo parece indicar, mas sim um romance, um esplendido romance, digno de entrar em todas as casas, pelo esmerado da tradução, pelo interesse do assumpto e ainda, o que é hoje raro, porque esse assumpto pode ser lido por uma creança.

A queda de Cesar é o titulo d'um quadro e é em torno d'esse quadro que se desenvolve o entrecho do romance, que se lê d'um folego, não porque elle seja pequeno, pois tem 257 paginas, mas porque é tanto o seu interesse que uma vez principiada a sua leitura é impossivel parar sem lhe conhecer o fim, que, por signal, não é facil de prever.

A Camara Lima, que está desenvolvendo uma actividade litteraria digna de registo, os nossos agradecimentos pela sua gentileza.

O PIRES

Não conheceram o Pires?

Era um tipo magro, muito esguio, de estatura mediana, picado das bexigas, irrequieto, muito palrador, não deixando falar ninguem — senão quando lhe convinha — com pretensões a literato, metendo-se por toda a parte, inquirindo disto, daquilo, daqueloutro, com fama de erudito e que tinha vindo não se sabe donde, vivia não se sabia como e foi... para onde tinha vindo, crêmos nós, porque nunca se soube para onde foi!

Pois, como lhe iamoz dizendo, o Pires metia-se por toda a parte e... escrevia muito!

Escrevia muito e tinha uma fórmula original de o fazer; muito original, mesmo!

Assunto não lhe faltava!

Idéas... a rodos!

V. Ex.^a, minha querida leitora, lia-o uma vez e sentia logo que nunca mais deixava de o lêr!

umas vezes sentimental, funebre como um cipreste... deixe-me dizer assim — piando como curuja em torre de capela!

Outras, amoroso como o mais amoroso que a lenda ou a tradição nos trouxe de tempos imorredoiros!

umas vezes, filosofo como Epicuro ou outro qualquer mestre do genero.

Outras, tragico como Hamlet ao vêr a sombra do pai ou castigando os assassinos do rei da Dinamarca.

umas vezes, lamecha como o mais lamecha namorado ou o mais condescendente marido.

Outras, ciumento como Othelo ameaçando asfixiar as Desdemónas da sua fantasia ou dos seus sonhos, prestes a arrancar da adaga que lhe havia de cortar as carotidas.

Cheio de citações gregas, latinas, francezas, inglezas, de todos os idiomas, enfim, mostrava-nos assim a sua erudição enorme, inextinguivel...

V. Ex.^a, minha carissima leitura, começava a sentir um desejo

enorme de o conhecer, de lhe dar o mais leal aperto de mão que se tem dado a um homem, seguido do maior elogio a que um simples mortal pode ter tido jus!

E um belo dia — permita-me V. Ex.^a esta liberdade — zás! o Pires pela prôa, em uma sala, num salão, em um passeio... a apresentação desejada, o aperto de mão sonhado, e... a palestra, a divina palestra com o mestre, com o escritor sem igual nos tempos calamitosos que vamos atravessando!

V. Ex.^a começava talvez a achar um tanto ridiculas as caretas e as posições estudadas do Pires, porém... como a vaidade é — em geral — inerente ao talento e á fama, e como as idéas expendidas por ele fossem dum inestimavel valor literario e artistico,

V. Ex.^a desculpava-o e acabava por achal-o interessante, muito principalmente quando ele lhe tocasse tambem a corda sensivel do seu talento — em que eu creio mais do que no dèle — pedindo-lhe a sua opinião para esta ou aquela obra que tinha *in mente* executar!

E, dali a pouco, V. Ex.^a toda embebida na amena conversação do Pires, sem já lhe notar a pose de que ele usava e abusava, expunha-lhe planos de obras que desejava por sua parte encetar em breve, fazia-lhe citações que a sua paciencia tinha ido descortinar em alfarrabios bolorentos e envoltos em teias de aranha, até que, ao acordar desse hiponotismo literario, se despedia dèle, risonha, feliz, felicissima mesmo, de tão alto conhecimento!

Ora, passados dias, V. Ex.^a via anunciada a nova obra do Pires — que éle não tinha a gentileza de lhe oferecer — cheirava-lhe — desculpe-me, sim? — cheirava-lhe a *chef d'œuvre*, corria ao editor, comprava-a, levava-a para casa, para o seu *boudoir*, recostava-se docemente na preguiceira, envolto no seu lindo kimone, e entregava-se á leitura desse livrinho em que antevia umas horas deliciosas!

Pouco a pouco, porém, os seus lindos olhos de reflexos de safira, em vez de langorosos, tornavam-se rancorosos, o que positivamente não é a mesma cousa, e, ao fim de meia dúzia de paginas, atirava com a brochura para o fogão, indignada, fula!, descansando sómente quanto via, por completo, reduzida a cinzas a nova produção do Pires!

Porquê? perguntará V. Ex.^a admirada.

Muito simplesmente porque o livro não era mais do que o desenvolvimento dos planos que V. Ex.^a, na sua melhor boa fé, lhe tinha confiado, acompanhando-os das citações que se fatigára a rebuscar nos taes alfarrabios bolorentos e envoltos em teias de aranha!

Quantos Pires pululam hoje por ahí!

12 de outubro de 1913.

HELOÍSE CORDEIRO.

Promettemos segundo as nossas esperanças, e cumprimos segundo os nossos receios.

ROCHEFOUCAULD.

THEATROS

THEATRO DA TRINDADE — A Mulher de Marmore



1.^o acto

Maria Judice da Costa (*Mulher de Marmore*)
e Leitão (*Barão de Staal*)

Theatros

THEATRO DA TRINDADE — A Mulher de Marmore

Trindade — *A Mulher de Marmore*

Pouco differe das outras operettas alemãs, que temos visto em portuguez, *A Mulher de Marmore*, com que o theatro da **Trindade** abriu as suas portas na presente época de inverno.

A musica, se bem que de facil comprehensão, um pouco mais monotoná; o entrecho, como em todas, banal, e o poema falho de graça, sendo alguma que transparece... é portugueza.

Quanto ao desempenho, em nada deixou a desejar, dados os bons elementos que Taveira introduziu na companhia. Havia o atractivo da estreia da excellente cantora portugueza D. Maria Judice da Costa, que pela primeira vez cantava operetta, e em companhias portuguezas. A sua reputação está de sobejo feita, e todas as louvaminhas que aqui lhe endereçassemos resultariam desnecessarias para o seu nome de artista. Dispondo de uma excellente voz e de recursos para scena, aliando tudo isto a uma insinuante figura, desenhando-se com suprema elegancia em scena, ella interpretou superiormente a parte de protagonista: — foi uma encantadora *Mulher de Marmore*.

A acompanhá-la teve Medina, que cantou com distincção a sua parte, sendo a actriz intelligente e graciosa de sempre. Auzenda n'um *travesti* gracioso, houve-se muito bem, marcando o seu trabalho com competencia.

Estreou-se uma nova artista, Beatriz Baptista, se não estamos em erro, que dispõe de um fio de voz agradável e mostrou disposição. Dos homens, destacaremos Gomes, que representou com a maxima correcção todo o seu papel, sem o menor exagero, e depois Leitão, com a sua voz bem timbrada. A orchestra continúa debaixo da direcção intelligente de Wenceslau Pinto.

O scenario bom, se bem que não valia a pena encommendal-o em Hespanha, pois ha cá quem o execute tão bem como o que vimos... — isto sem pretensão de nos mettermos na vida alheia.



Auzenda de Oliveira e a nova actriz Beatriz Baptista

Gymnasio — Abriu este theatro com a *reprise* da *Menina do Chocolate*, com o atractivo do desempenho da parte de *Kate*, pela actriz Zulmira Ramos, que compoz com relevo a personagem.

A sala apresenta um interessante aspecto, mais bem illuminada, e toda a branco e ouro.

— No proximo numero falaremos das novas peças *A vizinha do lado*, de André Brun, e *Flór da Rua*, ultimamente representada no **Avenida**.

Ruy.

Pensamentos

As pessoas novas são como a natureza as fez; as velhas foram fabricadas pelas mãos muitas vezes desastradas da sociedade.

EDMOND ABOUT.

Abram as portas á verdade e á mentira: é a mentira que ha de entrar primeiro.

NAPOLEÃO III.

Em todas as artes é sempre preciso procurar dar o mais alto tom, por isso que a corda baixa sempre por si mesma.

VINCKELMANN.

Na musica assim como na pintura, e mesmo na palavra escripta, que é comtudo a mais positiva de todas as artes, ha sempre uma lacuna que é completada pela imaginação do leitor.

BAUDELAIRE.



Maria Judice da Costa no seu camarim com o fato com que entra no 2.º acto da «Mulher de Marmore»



Medina de Sousa no seu camarim com o fato com que entra no 2.º acto da «Mulher de Marmore»

(Phot. de A. C. Lima)